

Artigo Original

O lugar da autonomia na Educação a Distância

The place of autonomy in distance education

El lugar de la autonomía en la educación a distancia

Autores:

Marcia Gorett Ribeiro Grossi — marciagrossi@terra.com.br

Renata Gadoni Porto Fonseca — gadoni.re@gmail.com

Letícia Ribeiro Lyra — lerlyra@gmail.com

Resumo

A crescente demanda de matrículas na Educação a Distância (EaD) nos últimos anos implica a necessidade de repensar o papel do professor e do aluno. Nesse sentido, esta investigação teve como objetivo fazer uma reflexão sobre a EaD no que diz respeito à necessidade da autonomia por parte dos alunos. Para isso, realizou-se uma pesquisa qualitativa, com viés descritivo e de cunho bibliográfico. Os resultados indicam que a autonomia deve estar no centro do processo de ensino a distância e deve acompanhar todo o percurso da construção da aprendizagem do aluno, permitindo assim uma aprendizagem autônoma e ativa.

Palavras-chave: CIAED 2023. ABED. Autonomia. EaD. Processo de ensino e aprendizagem.

Abstract

The growing demand for enrollments in Distance Education (EaD) in recent years implies the need to rethink the role of the teacher and

DOI: <http://dx.doi.org/10.17143/rbaad.v23iEspecial.704>

the student as well. In this sense, this investigation aimed to reflect on EaD regarding the need for autonomy on the part of students. To this end, qualitative research was carried out, with a descriptive and bibliographical bias. The results indicate that autonomy must be at the center of the distance teaching process and must accompany the entire course of the construction of the student's learning, thus allowing autonomous and active learning.

Keywords: CIAED 2023. ABED. Autonomy. EaD. Teaching and learning process.

Resumen

La creciente demanda de matrículas en educación a distancia (EaD) en los últimos años implica la necesidad de repensar el papel del docente y del alumno. En este sentido, esta investigación tuvo como objetivo reflexionar sobre la educación a distancia en relación con la necesidad de autonomía por parte de los estudiantes. Para ello se realizó una investigación cualitativa, con un sesgo descriptivo y bibliográfico. Los resultados indican que la autonomía debe estar en el centro del proceso de enseñanza a distancia y debe acompañar todo el transcurso de la construcción del aprendizaje del estudiante, permitiendo así un aprendizaje autónomo y activo.

Keywords: CIAED 2023. ABED. Autonomía. EaD. Proceso de enseñanza y aprendizaje.

1. Introdução

Como já percebia Barreneche em 2003, a Educação a Distância (EaD) “tem se mostrado um dos patamares para a expansão das oportunidades de acesso à educação superior em nosso país, apresentando propostas de qualidade e excelência pedagógica” (BARRENECHE, 2003, p. 2). Essa modalidade de educação tem apresentado um crescimento acelerado, conforme dados da Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED), no relatório analítico de aprendizagem a distância no Brasil (Censo EaD.BR 2018/2019). Entre 2017 e 2018, houve um

crescimento de 21%, com o número de matrículas saltando de 7.773.828 para 9.374.647 (ABED, 2019). Nos cursos totalmente a distância, o número de matrículas aumentou de 1.320.025 para 2.358.934.

Esse relatório também aponta que o crescimento da EaD não está ocorrendo apenas nos cursos totalmente a distância, mas também nos semipresenciais. De acordo com Fonseca (2022, p. 13), “um dos motivos para esse crescimento é o emprego das tecnologias digitais nos cursos ofertados a distância, bem como a flexibilização de local e tempo, características dessa modalidade de educação”. Isso também é observado por Fornari *et al.* (2017, p. 476): “a tecnologia tem motivado mudanças significativas na educação, como a propagação da Educação a Distância”.

O CensoEAD.BR 2019-2020 (ABED, 2020) indica que as Instituições de Ensino Superior estão avançando no ensino híbrido através da oferta de disciplinas a distância e flexibilização da carga horária nos percursos formativos, disponibilizando materiais instrucionais nos ambientes virtuais para atendimento virtual ou presencial.

Assim, pode-se afirmar que o acesso e a utilização das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) são indispensáveis, tanto para a EaD (foco deste estudo), como para o ensino híbrido, diante dos avanços e impactos provocados no processo de ensino e aprendizagem. Esses impactos impõem mudanças de hábitos e práticas educacionais, tanto por parte dos alunos quanto por parte dos professores, que precisam se adequar às novas formas de ensinar e aprender.

“Com todo esse desenvolvimento, a EaD surge como uma modalidade educacional de grande potencial, viabilizando a demanda de ensino no Brasil” (VELHO; PINTO, p. 2, 2015). Para os autores, ainda “existem pontos que devem ser levantados quando se trata de EaD, onde os alunos destes processos necessitam demonstrar conhecimentos, habilidades e atitudes próprias”.

Neste sentido, Grossi (2020) lembra que a EaD é uma modalidade de educação bem estruturada e pensada para um público adulto, a qual sempre teve como aliada a tecnologia, atualmente, as TDIC. Dentre várias habilidades que esse público adulto precisa ter para ser um aluno

da EaD, destaca-se a autonomia. Para Moore (1980), o aluno precisa de ajuda para exercer a autonomia, ou seja, para ser autogerido e autoconfiante na construção de sua aprendizagem. Paiva (2006 *apud* FONSECA, 2022, p. 36) corrobora essa ideia ao afirmar que “para que o aluno obtenha sucesso em seu processo de aprendizagem, são necessárias habilidades essenciais, como autodisciplina, automotivação, responsabilidade e capacidade de gerenciar seu próprio tempo e regular seu processo de aprendizagem”. Para a autora, autonomia é:

Um sistema sócio cognitivo complexo, que se manifesta em diferentes graus de independência e controle sobre o próprio processo de aprendizagem, envolvendo capacidades, habilidades, atitudes, desejos, tomadas de decisões, escolhas e avaliação tanto como aprendiz de língua ou como seu usuário, dentro ou fora da sala de aula (PAIVA, 2006, p. 88-89).

Logo, “a autonomia é um processo que se fundamenta nas várias experiências de decidir, pois ninguém é autônomo primeiro para depois decidir e ninguém é sujeito da autonomia de ninguém” (SILVA; PEDRO, 2010, p. 77). Nesse contexto, surgiu a questão: qual o lugar da autonomia no processo de ensino e aprendizagem na EaD? Para responder a essa questão, foi feita uma pesquisa que objetivou fazer uma reflexão sobre a EaD no que diz respeito à necessidade da autonomia por parte dos alunos.

2. Referencial teórico

2.1. A EaD e a autonomia

Para Behar (2009, p. 2), a EaD é “uma forma de aprendizagem organizada, que se caracteriza basicamente pela separação física entre professor e aluno e a existência de algum tipo de tecnologia de mediação para estabelecer interação entre eles”. Já em termos legais, no Brasil, a EaD é definida pelo Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017, em seu Art. 1º, como uma modalidade de educação:

Na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos (BRASIL, 2017, *on-line*).

Embora a lei brasileira que prevê a EaD como uma modalidade de educação seja de 1996 — a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que em seu Art. 80 define de forma clara os critérios iniciais da EaD — essa modalidade de educação já vinha sendo ofertada há muitos anos. Dessa forma, Fonseca (2022, p. 28) percebe que “a EaD tem percorrido um longo caminho desde seu início na área educacional”. A autora esclarece que “esse modelo de ensino e aprendizagem evoluiu para o modo de aprendizagem *on-line*, que ocorre pela internet, onde o ensino e a aprendizagem acontecem dentro de um ambiente virtual”. Nesse sentido, a autora acredita que o desenvolvimento das tecnologias digitais é um dos motivos que tem impulsionado o crescimento da EaD.

Assim, “pode-se perceber que a EaD está sempre relacionada com aspectos tecnológicos e, todas as suas gerações são caracterizadas pelas tecnologias dominantes em cada época” (GROSSI; LOPES; BAIA, 2023, p. 80). A geração atual usa “mais recursos digitais, como hipertextos, áudios, vídeos, animações, visando o aprendizado em colaboração e uma alta interação entre alunos e professores” (GROSSI; LEAL, 2020). Portanto, é de se esperar que esses atores tenham diferentes habilidades e competências relacionadas ao domínio tecnológico (BEHAR, 2013), tais como:

* Letramento digital, que se refere à criticidade da informação e ao uso das TDIC.

* Cooperação potencializada pela interação social que ocorre, principalmente, em ambientes virtuais de aprendizagem. Sobre isto, Rangel *et al.* (2012, p. 554) afirmam que ao “se tratar da construção de redes de aprendizagem colaborativa, através de processos de

aprendizagem, o potencial da EaD, desenvolvida mediante um modelo aberto à participação [é], sobretudo, convidativo à interatividade e à autonomia dos sujeitos”.

* Presença social no modo como o sujeito da EaD se percebe imerso na virtualidade.

* Autonomia na tomada de decisões.

* Organização do espaço e tempo.

* Comunicação ou modos de se expressar por meio das tecnologias.

Essas competências são primordiais para o aluno da EaD, “que é percebido com um perfil mais adulto e maduro, que traz experiências e conhecimentos, sendo que sua vivência social e sua experiência profissional influenciam o modo como ele interage em seus estudos” (PEREIRA, 2015, p. 15). De acordo com o Censo EAD.Br 2018/2019, os alunos que optam por cursos totalmente a distância têm entre 26 e 30 anos.

Constatando com Pereira (2015), os dados apresentados mostram que esse público é adulto e já está inserido no mercado de trabalho, portanto, apresenta experiências e vivências para assumir responsabilidades por seu processo de aprendizagem. Embora esse público adulto apresente certa autonomia para o estudo individualizado na EaD, segundo Palloff e Pratt (2004), o aluno virtual, que está em cursos *on-line*, necessita ter acesso a um computador, a um *modem* e uma conexão apropriada para navegação, ser autônomo, estar preparado para os estudos e ter prontidão.

Essas habilidades e competências são fundamentais para compor o perfil de um aluno adulto e maduro, “que traz experiências e conhecimentos, sendo que sua vivência social e sua experiência profissional influenciam o modo sobre como ele interage em seus estudos” (PEREIRA, 2015, p. 15). Dentre essas habilidades e competências, destaca-se a autonomia que os alunos devem ter para serem capazes de gerir seu próprio processo de aprendizagem (BELLONI, 2008). Maia e Mattar (2007) também salientam a importância da autonomia para os alunos da EaD:

O ensino a distância exige, portanto, um aprendiz autônomo e independente, mais responsável pelo processo

de aprendizagem e disposto à auto-aprendizagem. Com a alteração da cultura da aprendizagem, o estudo passou a ser auto-administrado e automonitorado por um aprendiz autônomo (MAIA; MATTAR, 2007, p. 85).

Neill (2018) complementa este entendimento ao afirmar que na EaD:

Um curso que enfatiza o foco no estudante (atitude, experiência, cognição e estilos de aprendizagem), resgata e incentiva a sua responsabilidade por aprender, promove seu engajamento e enriquece a sua interação e assim, tende a garantir um sucesso maior aos que o frequentam (NEILL, 2018, p. 55).

Para Holanda, Pinheiro e Pagliuca (2013, p. 410), “a autonomia concedida ao aluno lhe atribui um papel mais ativo na construção de um conhecimento compartilhado, significativo e contextualizado”. Assim, a presença da autonomia do perfil do aluno da EaD, também pode ser percebido na roda das competências proposta por Velho e Pinto (2015) (Figura 1). Vale mencionar que essas competências são classificadas por graus de dificuldade: as que estão em verde são as competências básicas, as de amarelo são as medianas, e as de vermelho são as competências de difícil desenvolvimento.

Figura 1 – Roda das 12 competências



Fonte: Velho e Pinto (2015, p. 6).

De acordo com a Figura 1, a autonomia é considerada como uma competência básica. O que é mais uma razão para “preparar o aluno para estudar a distância, construindo sua autonomia, formando competências que os tornem comprometidos com sua aprendizagem por meio das TDIC, estimulando suas participações” (PALLOFF; PRATT, 2004 *apud* FONSECA, 2022, p. 37).

Magalhães *et al.* (2020, p. 5) corroboram com este entendimento ao afirmarem que “as TDIC impulsionaram o processo de autonomia do estudante no seu aprendizado”. Soma-se a isso o fato de que a “EaD potencializa estímulos e desafios para a prática da curiosidade, o que auxilia na construção da autonomia do aluno” (SILVA *et al.*, 2016, p. 136).

Para Palloff e Pratt (2004) são vários fatores que podem influenciar, positiva ou negativamente, o desenvolvimento dessa autonomia: as características individuais do aprendiz e do professor; o ambiente educacional; a instituição; o material; os contextos políticos e sociais e, até mesmo, a tecnologia utilizada. Já Belloni (2008) aponta que o aluno precisa apresentar habilidades como, por exemplo, autogestão, resolução de problemas, adaptabilidade e flexibilidade diante de novas tarefas, ser responsável e aprender sozinho e trabalhar em equipe, em um ambiente colaborativo e solidário.

Segundo Fonseca (2022, p. 40) “estas habilidades permitem ao professor aproveitar ao máximo o potencial das tecnologias no ensino”, e ele terá o papel de mediador, auxiliado pelas TDIC e por uma equipe de profissionais como, por exemplo, os tutores, os *design* instrucionais, dentre outros. Assim, a “ênfase na questão da autonomia, exige dos alunos habilidades muitas vezes inexistentes na maioria dos alunos de cursos a distância, mas que podem ser adquiridas com dedicação, interesse e compromisso nos estudos” (FONSECA, 2022, p. 22), sendo que a autonomia está diretamente relacionada com a aprendizagem autônoma.

Belloni (2008 *apud* Fonseca, 2022), “no processo de aprendizagem autônoma, o aluno não é objeto ou produto, mas sujeito ativo que realiza sua própria aprendizagem e abstrai o conhecimento, aplicando-o em situações novas”. Então, “reconhecer a autonomia no processo de ensino e aprendizagem, significa compreender que o outro é capaz de

gerenciar seus processos, assumir a responsabilidade pela sua formação” (FONSECA, 2022, p. 33).

3. Metodologia

Nessa investigação optou-se por uma pesquisa bibliográfica do estado de conhecimento, de abordagem qualitativa e do tipo exploratória, a qual foi realizada a partir do portal eletrônico cooperativo de periódicos científicos SciELO. A pesquisa foi realizada no 1º semestre de 2023 e, teve três etapas:

1ª etapa: seleção dos artigos publicados sobre a temática, que seguiu seguintes passos:

1º) Busca dos artigos publicados entre 2020 a 2022 no portal eletrônico cooperativo de periódicos científicos SciELO, utilizando os seguintes descritores: *autonomia and EaD*; *autonomia and Educação a Distância*.

2º) Exclusão dos artigos: que apareceram repetidos na busca; que não estavam na língua portuguesa; que embora tenham aparecido na busca, não se relacionavam com a temática da presente pesquisa.

2ª etapa: leitura dos artigos selecionados na 1ª etapa.

3ª etapa: apresentação das análises feitas dos artigos selecionados.

4. Apresentação dos dados e análises

1ª e 2ª etapas: a busca pelos artigos resultou em um total de 39 artigos. Porém, 21 artigos foram excluídos da presente pesquisa: seis aparecem repetidos na busca, três não estavam na língua portuguesa e 12 não se relacionavam com a temática da pesquisa. Logo, o total de artigos selecionados para análise foi 18.

3ª etapa: A reflexão feita neste estudo sobre a EaD no que diz respeito à necessidade da autonomia por parte dos alunos, pois “a participação em espaços virtuais coletivos significa assumir a responsabilidade na construção do próprio conhecimento” (HOLANDA; PINHEIRO; PAGLIUCA, 2013, p. 410). Silva *et al.* (2016, p. 137) consideram importante o “exercício

da autonomia do aluno que precisa de fato ser capaz de se organizar para determinar o seu próprio ritmo de estudo-aprendizado”.

Os autores também lembram que “isto não é uma tarefa fácil, pois perpassa por uma construção cultural e evolutiva, conseqüente de uma práxis educacional antes mesmo de sua chegada ao ensino superior” (SILVA *et al.*, 2016, p. 137).

O que leva à compreensão da importância da aprendizagem ativa e individualizada e da presença social para o aprimoramento da autonomia, a qual é construída ao longo das experiências dos alunos em suas relações sociais (BARRENECHE, 2003). Visto que as transformações da sociedade exigem novas demandas e a educação tem um papel importante nesse processo, é um desafio repensar a forma de fazer a educação para alcançar a sociedade da aprendizagem (FONSECA, 2022).

Logo, percebe-se cada vez mais o interesse de ter experiências educacionais mais atraentes, criando possibilidades de engajamento, motivação e desafios, propiciando aos alunos um contínuo estado de aprendizagem, de protagonismo, de aprimoramento da autonomia (ALMEIDA, 2020). Isso leva à aprendizagem ativa (MORAN, 2018), a qual está associada à aprendizagem reflexiva, em que o aluno tem a compreensão de todos os processos envolvidos.

Para Fonseca (2022, p. 42), “a maneira como o aluno percebe sua própria presença, a qual é maior na EaD, ou a de seus pares, interfere em sua ação e comunicação, e, conseqüentemente, em sua aprendizagem ativa”. Gunawardena (1995) define essa percepção como presença social no contexto da EaD, “que compreende o grau em que o sujeito é reconhecido nas relações mediadas por tecnologia” (FONSECA, 2022, p. 43).

Pode-se dizer que “a aprendizagem ativa acontece quando o professor instiga seus alunos a avançar em direção a um propósito de aprendizagem, executando algo, respondendo perguntas e buscando soluções (DOLAN; COLLINS, 2015 *apud* FONSECA, 2022, p. 43), tendo “um modelo pedagógico sustentado pela teoria da aprendizagem interacionista” (WANDER; GOMES; PINTO, 2020, p. 3), na qual o aluno está no centro do processo de ensino e aprendizagem e o professor tem o papel de mediador desse processo.

Para Almeida (2020, p. 10) “é tarefa quase obrigatória para educadores que desejam, de fato, proporcionar experiências de aprendizagem mais significativas, e não mais mecânicas”. Holanda, Pinheiro e Pagliuca, (2013, p. 410) lembram que a EaD deve “promover uma aprendizagem significativa e mais independente, e a autonomia do aluno, como sujeito crítico, para a construção e atualização do seu próprio conhecimento”.

Assim, “as metodologias ativas promovem um ambiente de aprendizagem que proporciona a construção do conhecimento e autonomia, pois o foco do processo de ensino e aprendizagem está totalmente voltado para o aluno” (FONSECA, 2022, p. 44). A esse respeito, Silva e Pedro (2010, p. 77) acreditam que “o educador, para desenvolver a autonomia de seus alunos, precisa realizar atividades que estimulem a tomada de decisão”.

Por isso, “adotar metodologias ativas pressupõe que os professores envolvidos, a partir da mediação pedagógica, estimulem o protagonismo e a autonomia dos estudantes no processo de aprendizagem individual e colaborativo” (PASCUM, 2022, p. 2). Então, tanto a autonomia quanto a flexibilização que a EaD permitem “têm de possibilitar ao aluno o acompanhamento de forma individualizada, itinerários de leitura dos materiais curriculares e de estudo, a ordem da realização das atividades, a escolha de atividades alternativas” (FORNARI, 2017, p. 484). A partir desses entendimentos, percebe-se que a aprendizagem se estabelece em três movimentos híbridos:

1º) A construção individual, na qual cada aluno escolhe seu percurso. Na aprendizagem individualizada, é primordial a autonomia do aluno, sua iniciativa e participação ativa no processo (FONSECA, 2022). Pois, “a responsabilidade principal é de cada um, da sua iniciativa, do que é previsto pela escola e do que o aluno constrói nos demais espaços e tempos” (MORAN, 2018, p. 42).

2º) A construção grupal ou compartilhada, na qual acontece pelas inúmeras possibilidades de conexão entre as pessoas, sejam elas distantes ou próximas, com ou sem tutoria, mas que estejam em contextos fundamentados (MORAN, 2018). Para o autor é necessário que:

Desenhem algumas estratégias para que a aprendizagem entre pares seja bem-sucedida e consigam ajudar

os aprendizes a ampliar a visão de mundo que desenvolveram nos percursos individuais e grupais, levando-os a novos questionamentos, investigações, práticas e sínteses (MORAN, 2018, p. 48).

3º) A tutorial, em que o aprendizado é orientado pelo professor ou tutor. Sobre esse ponto, Grossi, Costa e Santos (2013) afirmam que o papel do tutor e sua interação com os alunos é fundamental para que ocorra a construção do conhecimento. “Vale ressaltar que nem sempre o tutor tem ampla experiência e formação para executar tal função, sendo muitas das vezes, apenas aplicadores de conteúdos e intermediários entre os alunos e a instituição” (FONSECA, 2022, p. 47).

Fonseca (2022, p. 45) também enfatiza a “necessidade de repensar em um conjunto de fatores que interferem na aprendizagem do aluno e, na ação do professor/tutor, para que de fato a aprendizagem aconteça de forma ativa e efetiva”. A autora elaborou um Quadro 1 com as habilidades necessárias para o desenvolvimento das práticas pedagógicas que podem favorecer a aprendizagem do aluno da EaD.

Quadro 1 – Habilidades necessárias para o desenvolvimento de práticas pedagógicas na EaD

Métodos	Habilidades necessárias	Práticas do Moodle	Práticas do professor
Aprimoramento da Autonomia	<ul style="list-style-type: none"> * Tomada de decisões, responsabilidade pelas suas atitudes. * Capacidade de argumentação, diálogo, troca de informações e experiências. * Comunicação clara e objetiva, proposição de ideias e soluções. * Pensamento crítico e reflexivo. * Letramento digital, criticidade em relação às informações e ao uso das ferramentas digitais e domínio das ferramentas digitais. 	<ul style="list-style-type: none"> * Proporcionar a mediação por tecnologias / recursos tecnológicos entre professor-aluno, aluno-aluno. * Disponibilizar ferramentas diversas e flexíveis. * Dar suporte técnico. * Organizar conteúdos e atividades de forma sistematizada, de boa qualidade, diversificadas e de fácil acesso. 	<ul style="list-style-type: none"> * Mediar, promover o diálogo e a interação no ambiente de aprendizagem. * Descobrir o potencial de cada aluno. * Apresentar fatos. * Auxiliar na busca por informações. * Estimular o raciocínio lógico do aluno. * Promover o uso de mídias e plataformas digitais como meio de comunicação e compartilhamento de conhecimento.

Aprendizagem Individualizada	<ul style="list-style-type: none"> * Autodisciplina. * Automotivação. * Responsabilidade e capacidade de gerenciar seu próprio tempo. * Regulação de seu processo de aprendizagem. 	<ul style="list-style-type: none"> * Proporcionar a mediação por tecnologias / recursos tecnológicos entre professor-aluno. * Ter acesso às mídias assincronamente. * Organizar conteúdos e atividades em forma de trilhas de aprendizagem individualizada. 	<ul style="list-style-type: none"> * Promover estratégias pedagógicas assertivas para cada tipo de estilo de aprendizagem. * Conhecer a realidade e vivências do aluno. * Acompanhar o processo individual do aluno. * Considerar as características, facilidades e dificuldades de cada aluno. * Adaptar o currículo. * Promover o respeito e a empatia. * Valorizar as diferenças. * Dar feedback sobre seu desempenho. * Desenvolver o potencial do aluno.
Aprendizagem Ativa	<ul style="list-style-type: none"> * Desejo e interesse no ato de aprender. * Iniciativa no seu processo de aprendizagem * Reflexão sobre seu aprendizado. * Criação de metas e objetivos e definição de como serão alcançadas. * Busca constante de novas aprendizagens. 	<ul style="list-style-type: none"> * Propor trilhas de aprendizagens flexíveis. * Possibilitar conexões em grupo, produção colaborativa, organização e comunicação em grupo. 	<ul style="list-style-type: none"> * Proporcionar o protagonismo do aluno. * Promover o engajamento. * Manter o aluno motivado. * Propor problematização e resposta para soluções. * Criar práticas pedagógicas coletivas.

Fonte: Fonseca (2022, p. 47).

Percebe-se no Quadro 1 que para ajudar o aluno no aprimoramento da sua autonomia é necessário um conjunto de habilidades que podem ser adquiridas mediante as corretas práticas pedagógicas escolhidas pelos professores, as quais podem ser realizadas nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem como, por exemplo, no *Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment* (Moodle). Nessa linha, Ferreira *et al.* (2022, p. 2) destacam “o potencial dos ambientes virtuais de aprendizagem em incrementar o processo de ensino e estimular a autonomia dos estudantes”.

Fonseca (2022, p. 46), nesse Quadro 1, também objetiva mostrar um “caminho educacional cada vez mais eficaz, que venha atuar no favorecimento da aprendizagem ativa do aluno, seja individualizada, grupal ou

por tutoria”. Além disso, ao observar o Quadro 1 fica claro que:

O maior interesse está relacionado na necessidade de promover atividades que motivem no sujeito o desenvolvimento de habilidades e atitudes, proporcionando a aquisição de conhecimentos, criando condições para que o aluno possa refletir, analisar, sintetizar, classificar, categorizar, aprimorar sua autonomia, tornando-se autônomo quanto ao seu processo de aprendizagem, comprovando que o ato de aprender é único, individual (FONSECA, 2022, p. 47).

Para finalizar, mesmo sabendo da importância da mediação pedagógica e que o conceito de aprendizagem autônoma implica em uma dimensão de autodireção e autodeterminação (BELLONI, 2008), vale lembrar as palavras de Moore (1980, p. 22): para se ter sucesso na EaD o aluno deve ter “competência enquanto aprendiz autônomo e autodirigido”. E que o ensino não se restrinja apenas a informar o aluno, mas que instiga a autonomia do aprendiz (MAGALHÃES *et al.*, 2020).

5. Considerações finais

No final deste estudo, foi possível responder à questão que o originou: qual o lugar da autonomia no processo de ensino e aprendizagem na EaD? A resposta é: a autonomia deve estar no centro do processo de ensinar a distância e, deve acompanhar todo o percurso da construção da aprendizagem do aluno, permitindo assim, uma aprendizagem autônoma.

Torna-se necessário considerar vários aspectos que envolvem a construção dessa autonomia, além das interações do aluno com seu processo de aprendizagem, o olhar do professor e as práticas pedagógicas utilizadas são fundamentais para garantir o envolvimento ativo e significativo, potencializando as habilidades e o desenvolvimento da autonomia. Entretanto, Rangel *et al.* (2012, p. 551) refletem que são muitas as “dificuldades para a autonomia do aprendiz: a capacidade de gestão do tempo; o planejamento; a autodireção e a automotivação”.

Portanto, os alunos da EaD para compreenderem todos os processos

envolvidos na sua trajetória acadêmica, precisam apresentar várias habilidades, as quais estão listadas no Quadro 1, que o ajudarão no aprimoramento da sua autonomia. E, conseqüentemente, levando a uma aprendizagem autônoma, “que deve estar imbuída de autorreflexão, ou seja, da capacidade de pensar sobre si e da habilidade a autopercepção crítica na condição de aprendiz” (GONDAR, 2017, p. 14).

Ao estudar a EaD com foco no perfil de seus alunos, pode-se concluir que é fundamental que estes alunos tenham autonomia, o que por sua vez, leva à compreensão da importância da aprendizagem ativa e individualizada e da presença social para o aprimoramento da autonomia, lembrando que “a postura ativa e autônoma esperada do aluno em EAD tanto é possível, quanto pode ser encorajada” (WANDER; GOMES; PINTO 2020, p. 9).

Referências

ABED – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTANCIA. **Relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil: CensoEAD.BR.** São Paulo: ABED, 2019. Disponível em: http://abed.org.br/arquivos/CENSO_DIGITAL_EAD_2018_PORTUGUES.pdf. Acesso em: 11 jan. 2023.

ABED – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTANCIA. **Relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil: CensoEAD.BR.** São Paulo: ABED, 2020. Disponível em: http://abed.org.br/arquivos/CENSO_EAD_2019_PORTUGUES.pdf. Acesso em: 15 jan. 2023.

ALMEIDA, Bruno Gomes de. Aprendizagem ativa e *deeper learning*: reflexões sobre as demandas por uma educação em compasso com seu tempo. **Educação (UFSM)**, [s. l.], v. 45, n. 4, p. 1-19, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/37035>. Acesso em: 12 fev. 2023.

BARRENECHE, Cristina Azra. A formação da identidade do aluno na educação a distância: reflexões para um debate. **Educar**, Curitiba, n. 21, p. 117-131, 2003. Disponível em: <https://www.redalyc.org/>

[pdf/1550/155018009009.pdf](#). Acesso em: 22 fev. 2023.

BEHAR, Patrícia Alejandra (org.). **Competências em educação a distância**. Porto Alegre: Penso, 2013.

BEHAR, Patrícia Alejandra. **Modelos pedagógicos em educação à distância**. 2009. Disponível em: https://www.larpsi.com.br/media/mconnect_uploadfiles/c/a/cap_0154.pdf. Acesso em: 10 mar. 2023.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a distância**. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

BRASIL. **Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017**. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 2017. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/20238603/do1-%202017-05-26-decreto-n-9-057-de-25-de-maio-de-2017-20238503. Acesso em: 12 fev. 2023.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 31 jan. 2023.

DOLAN, Erin L.; COLLINS, James P. We must teach more effectively: here are four ways to get started. **Molecular Biology of the Cell**, v. 26, n. 12, 2015. Disponível em: <https://www.molbiolcell.org/doi/pdf/10.1091/mbc.E13-11-0675>. Acesso em: 31 jan. 2023.

FERREIRA, Daniela Miranda *et al.* Influência do ambiente virtual de aprendizagem no desempenho acadêmico de estudantes de Enfermagem. **Acta Paul Enferm.**, n. 35, p. 1-9, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/MvsnjdDS5pW4KLGhLBRxBNq/>. Acesso em: 20 fev. 2023.

FONSECA, Renata Gadoni Porto. **O lugar da autonomia no processo de aprendizagem na Educação a distância: análise de um curso de Pedagogia**. 2022. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica) – Centro Federal de Educação Tecnológica, Belo

Horizonte, 2022.

FORNARI, Aline *et al.* Cálculo diferencial e integral e geometria analítica e álgebra linear na educação a distância. **Ciênc. Educ.**, Bauru, v. 23, n. 2, p. 475-492, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/tN5DfcCvWY4BCyJ9tyxm9sN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 mar. 2023.

GONDAR, Anelise F. P. Aprendizagem autônoma na formação de intérpretes de conferência: usando a pesquisa-ação para aperfeiçoamento da prática pedagógica. **Tradução em Revista**, v. 23, p. 1-22, 2017. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/32208/32208>. PDF. Acesso em: 17 fev. 2023.

GROSSI, Márcia Gorett Ribeiro. O ensino remoto é uma modalidade de educação? 2020. Disponível em: <https://avacefetmg.org.br/>. Acesso em: 17 fev. 2023.

GROSSI, Márcia Gorett Ribeiro; COSTA, José Wilson; SANTOS, Ademir José. A exclusão digital: o reflexo da desigualdade social no Brasil. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 24, n. 2, p. 68-85, maio/ago. 2013.

GROSSI, Márcia Gorett Ribeiro; LEAL, Débora Cristina Cordeiro Campos. Análise dos objetos de aprendizagem utilizados em curso técnico de meio ambiente a distância. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 26, e20032, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/CTCX7CkK7LBY3VKnXr6StGs/>. Acesso em: 20 fev. 2023.

GROSSI, Márcia Gorett Ribeiro; LOPES, Marina Pardo; BAIA, Flávia Janaina. Discutindo o uso das metodologias ativas na educação a distância. **Paidai@ - Revista Científica de Educação a Distância**, v. 15, n. 27, p. 78-97, 2023.

GUNAWARDENA, Charlotte N. Social presence theory and implication for interaction and collaborative learning in computer conferences. **International Journal of Educational Telecommunication**, v.1, n. 2/3, p. 147-166, 1995. Disponível em: https://eddl.tru.ca/wp-content/uploads/2019/08/EDDL5101_W9_Gunawardena_1995.pdf. Acesso

em: 20 mar. 2023.

HOLANDA, Viviane. R. de; PINHEIRO, Ana Karine B.; PAGLIUCA, Lorita M. F. Aprendizagem na educação online: análise de conceito. **Rev Bras Enferm**, Brasília, v. 66, n. 3, p. 406-411, maio/jun. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/nc6YL3ny8NhrR4c-GKps95wy/>. Acesso em: 17 fev. 2023.

MAGALHÃES, Amanda Júlia de Arruda *et al.* O ensino da anamnese assistido por tecnologias digitais durante a pandemia da covid-19 no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Médica**, [s. l.], v. 44, n. 1, p. 1-7, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/9VCd-CPpP3NR4SznYkrh9qCD/>. Acesso em: 16 mar. 2023.

MAIA, Carmem; MATTAR, João. **ABC da EaD: a educação a distância hoje**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

MOORE, Michael G. Independent study. *In*: BOYD, R.; APPS, J. (ed.). **Redefining the discipline of adult education**. San Francisco: Jossey-Bass, 1980. p. 16-31 Disponível em: http://www.ed.psu.edu/acsde/pdf/independent_study.pdf. Acesso em: 17 fev. 2023.

MORAN, José. Metodologias ativas para uma aprendizagem profunda. *In*: MORAN, José; BACICH, Lilian (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

NEILL, Alexander Sutherland. Educação online. *In*: CORTELAZZO, Angelo Luiz *et al.* **Metodologias ativas e personalizadas de aprendizagem: para refinar seu cardápio metodológico**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. Autonomia e complexidade. **Linguagem & Ensino**, [s. l.], v. 9, n. 1, p. 88-89, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rle/article/view/15628>. Acesso em: 20 fev. 2023.

PALLOFF, Rena M.; PRATT, Keith. **O aluno virtual: um guia para trabalhar com estudantes on-line**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PASCON, Daniela Miori *et al.* Aprendizagem baseada em projetos no ensino remoto para estudantes ingressantes da graduação em Enfermagem. **Rev Esc Enferm USP**, [s. l.], p. 1-8, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reensp/a/pXTkVJBq8XwHPzT7hjcBpgh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2023.

PEREIRA, Geiza Basualdo Bogado. **O estudante da EaD (educação a distância): um estudo de perfil e interação geracional**. 2015. 133 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2015.

RANGEL, Maria Lígia *et al.* Redes de aprendizagem colaborativa: contribuição da educação a distância no processo de qualificação de gestores do Sistema Único de Saúde – SUS. **Interface - Comunicação Saúde Educação**, Botucatu, v. 16, n. 41, p. 545-555, abr./jun. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/hbx4DP9VSMYh3J75j-WGRjCB/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2023.

SILVA, Ana Paula S. S. da; PEDRO, E. N. Rubim. Autonomia no processo de construção do conhecimento de alunos de Enfermagem: o chat educacional como ferramenta de ensino. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 18, n. 2, p. 72-78, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/4143>. Acesso em: 20 mar. 2023.

SILVA, Lídia T. de Castro *et al.* Percepções de estudantes de Enfermagem sobre educação a distância. **Ciencia y Enfermeria**, ano XXII, n. 2, p. 129-139, 2016. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0717-95532016000200010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 fev. 2023.

VELHO, D. Schumacher; PINTO, Andrio dos Santos. As competências EaD de alunos concluintes do Ensino Médio: resultados do instrumento de coleta de dados. **Novas Tecnologias na Educação**, v. 13, n. 1, p. 1-10, 2015.

WANDER, Brenda; GOMES, Marta Q., PINTO, Maria Eugênia B. Avaliação da interação em fóruns de discussão na especialização de preceptoria em Medicina de Família e Comunidade a distância.

Interface, Botucatu, v. 24, n. 1, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/HKvcFhvfVFNrsGz9CYv5rfQ/?lang=pt>. Acesso em: 21 fev. 2023.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.